

APRESENTAÇÃO

Alexandre Felipe Fiuza¹

Pensar em história nas encruzilhadas da contemporaneidade, por si só, já se mostra um desafio. Por sua vez, ao se dirigir um olhar especular para o ensino de história e para o Brasil atual, se amplificam as adversidades enfrentadas por historiadoras e historiadores. Afinal, como estabelecer novos campos de ação e de reflexão teórica e metodológica quando se se depara com revisionismos, vigilância em sala de aula, processos judiciais que cerceiam a atividade docente e de pesquisa, além da soberba fincada na ignorância daqueles que se dizem avessos à ciência, ao conhecimento e ao estudo do passado? Talvez, apesar deste cenário, a saída não seja o silêncio, a apatia, o submetimento ou qualquer outra fuga. Afinal, contraditoriamente, não foram raros os períodos de adversidades em que os estudos históricos ganharam relevo ao longo do século XX. A história-problema, os combates da história, ou as novas/ velhas problemáticas que emergiram das lutas das mulheres e da população negra, para tomar dois dos exemplos mais urgentes, revelam que ações de repulsa às lutas das minorias encontram ressonância nas novas e potentes perguntas ao passado.

Em períodos de óbice à solidariedade, aos valores democráticos, à ética, à cidadania, o peso do presente parece recair sobre as costas da disciplina histórica. Nesse sentido, desde sua fundação, a Revista História & Ensino tem pautado os temas que vão emergindo da dinâmica social e que são reverberados nos estudos acadêmicos do campo do ensino de história e da análise, divulgação e reflexão sobre as experiências em sala de aula. Conectadas a estas temáticas, a Revista continua sendo um espaço para divulgação de estudos de história da educação, pois o ensino de história não se realiza num plano etéreo, mas imerso nas condições históricas dadas e, logo, nas instituições escolares.

Para responder a estas demandas, este novo número traz como primeiro artigo, da professora Emilce Geoghegan, da UNGS (Argentina), um estudo sobre os livros didáticos de história na Argentina, como eles lidaram com o Golpe de

¹ Editor da Revista História & Ensino. Docente da Licenciatura em História e do Mestrado em História Social da UEL, e do Mestrado e Doutorado em Educação da UNIOESTE. E-mail: alefiuza@uel.br

Estado de 1976 e como foram representadas as ações dos organismos de direitos humanos, se detendo principalmente no caso das *Madres de la Plaza de Mayo*. Também preocupados com o ensino de história, desta vez nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Paulo Jorge Medeiros, Nájela Tavares Ujii e Paulo César Gomes, oriundos da UNESPAR e da UNESP, debatem em seu trabalho as particularidades teóricas e metodológicas da história nessa etapa da vida escolar. Com base na bibliografia e nos documentos oficiais, observam a importância do ensino de história e os obstáculos a serem vencidos.

Se pensarmos que o ensino de história não se resume à disciplina histórica, é objeto de análise de Nayara Silva de Carie e Débora Cristina Alves da Silva, respectivamente, aluna e professora da UFMG, a importância da educação patrimonial, valendo-se da Educação Histórica e de uma etnografia dos monumentos presentes na cidade de Belo Horizonte. Tal estudo permitiu desvelar como as contradições sociais e a invisibilização de grupos sociais e de gênero encontram ressonância também nos monumentos, sendo, portanto, potentes instrumentos para se pensar e se estudar o passado.

Inaugurando um eixo de estudos, nesse número, que traz a temática das relações étnico-raciais, o artigo de Carla Beatriz Meinerz e Carlos Eduardo Ströher, ela professora da UFRGS e ele professor da rede pública municipal em Bom Princípio e Tupandi (RS), aborda as experiências escolares de jovens em uma região de colonialidade germânica. A partir de uma sólida discussão teórica, discutem como a história aprendida pelos jovens reforça a naturalização das desigualdades raciais. Numa temática conexa, por sua vez, o artigo de André Luan Nunes Macedo, educador da Escola 7 de Outubro (de BH) da CUT, a partir da análise de materiais de Educação Moral e Cívica, do período da ditadura militar, voltados ao ensino fundamental e médio, expõe como os autores destes livros mobilizaram conceitos como cidadania, desenvolvimento/ progresso, nacionalismo, patriotismo, democracia, identidades étnicas, entre outros.

Seguindo a discussão anterior, o trabalho de Kátia Cristina Nascimento Figueira e Edinéia da Silva Santos, professoras da UEMS e da SED (MS), apresenta resultados de uma pesquisa junto a alunos do ensino médio de Campo Grande (MS), discutindo a escravidão na antiga Província de Mato Grosso. Trata-se de uma

pesquisa qualitativa e de intervenção a partir de uma experiência didática alicerçada na perspectiva do multiletramento e valendo-se de tecnologias educativas, nesse caso, voltadas à discussão sobre a escravidão e o racismo, com intuito de mobilizar o respeito e a solidariedade durante as aulas. Por fim, encerrando este eixo, o artigo de Ana Lúcia da Silva, professora da UNIFAL, partindo de uma perspectiva decolonial, acresce aos temas étnico-raciais um diálogo interseccional de gênero, a partir da trajetória da artista negra Ruth de Souza. Sua biografia e a homenagem que ela recebeu num samba-enredo servem como *leitmotiv* para uma proposta de ensino de história antirracista.

Na seção de História da Educação, contamos com o trabalho de Ernesto Padovani Netto, professor de educação especial da rede pública paraense, sobre dois modelos que se fizeram presentes na educação das pessoas surdas no Brasil, mas sem se descurar da análise das soluções estrangeiras trazidas ao país. O estudo se pautou numa documentação primária, bibliografia e legislação, que permitiram um acurado exame do processo educacional em apreço. Ainda no campo da educação especial, Lívio Luiz Soares de Oliveira, analista pesquisador da Secretaria Estadual de Planejamento, Orçamento e Gestão do Rio Grande do Sul, traz em seu artigo um histórico das políticas públicas voltadas às altas habilidades e superdotação no Brasil. Por meio de fontes diversas, o autor explora a atenção dada às necessidades educacionais dos superdotados, demonstrando a fragmentação e descontinuidade das políticas adotadas.

Encerrando os temas de história da educação, o artigo de José Edimar de Souza, professor da UCS, examina a história da educação regional, principalmente a partir dos grupos escolares, utilizando-se de farta documentação, que possibilitou uma etnografia ampla, da arquitetura aos modelos de organização adotados na região de três municípios do Vale do Rio dos Sinos, na década de 1930. Finalmente, para fechar este número, a resenha do livro “Novos combates pela história”, elaborada por João Henrique Inácio Corrêa, professor da Educação Básica e mestrando da UFSJ, traz a lume esta coletânea que discute os principais problemas e desafios contemporâneos dos que lidam com o ofício inerentes às/os historiadoras/es. Enfim, agradecemos às/os pareceristas e às/os autoras/es. Desejamos uma ótima leitura às/os interessadas/os nessas temáticas.